

## A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE<sup>1</sup>

FERNANDA PINHEIRO ZANELATI<sup>2</sup>  
CÁSSIA SANTANA DE CARVALHO RUGERI<sup>3</sup>  
FLAVIO DONIZETE BATISTA<sup>4</sup>

**RESUMO:** O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico de origem genética que está cada vez mais presente no ambiente escolar, sendo uma das maiores dificuldades em sala de aula. O aluno com TDAH tem total capacidade para desenvolver seu potencial, pois sua única dificuldade é a concentração, portanto, os professores precisam ter muita paciência, disposição e conhecimento sobre este transtorno. Com este artigo espera-se entender como acontece à inclusão de um aluno com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade na rede regular de ensino, conhecer as características do aluno com TDAH e reconhecer a hiperatividade, a desatenção e a impulsividade como sintomas de um transtorno e o quanto isto pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com leitura de autores através dos livros, artigos, internet, monografias, para responder aos objetivos propostos na interpretação das leituras, para a compreensão da proposta escolhida. Conclui-se que não basta colocar o aluno com necessidade educacional especial na rede regular de ensino, é preciso analisar as suas diferenças e adaptar o método para que estes consiga aprender independente de sua dificuldade, ou seja, não adianta estar garantida na lei é preciso remodelar os espaços (recursos de apoio financeiro) e respeitar a capacidade dos alunos. Percebe-se que o TDAH é complexo e é preciso um trabalho entre família e escola para que esta criança consiga se desenvolver por completo.

**Palavras-chave:** Inclusão; Alunos; TDAH.

### 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT (7) na Semana Acadêmica Fatecie 2018.

<sup>2</sup> Especialista em Educação Especial Inclusiva (UNOPAR); Licenciada em Artes Visuais (UNOPAR); MBA em Auditoria, Perícia e Educação Ambiental; Tecnóloga em Gestão Ambiental. E-mail: fernandazanelati@hotmail.com.

<sup>3</sup> Bacharel em Administração (FAFIPA). E-mail: cassia.santanarugeri@hotmail.com.

<sup>4</sup> Professor Mestre pela Unifatecie.

Todos os cidadãos brasileiros tem o direito à educação garantida na Constituição Federal, mas para que essa educação tenha qualidade, a escola, além de receber os alunos com deficiência, precisa valorizar suas diferenças, resgatando os valores culturais e respeitando seu processo de ensino e aprendizagem.

Cada aluno possui sua singularidade e lidar com estas diferenças é o maior desafio da escola. Por isso, ela deve buscar alternativas que garantam o acesso e permanência de todos os seus alunos, construindo uma comunidade inclusiva que se preocupa com as crianças com necessidades educacionais especiais.

Atualmente, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma das maiores dificuldades nas salas de aula e apesar deste ser um distúrbio neurobiológico, o aluno precisa ser avaliado pelo menos seis meses para então iniciar o tratamento. Qualquer criança, independente do seu nível econômico, social, intelectual, pode desenvolver o TDAH, porém este é mais presente em meninos.

Segundo Gonçalves (2010), acredita-se que 3 a 6% dos alunos brasileiros possuem TDAH e a maioria não foi diagnosticada. Este transtorno é percebido pela dificuldade de prestar atenção nos detalhes, de participar de atividades lúdicas, de concluir as tarefas, de se organizar, de memorizar informações, porque se distrai facilmente. Além disso, eles são agitados, impulsivos, não conseguem esperar o momento de fazer as coisas e por isso são classificados como indisciplinados ou sem educação.

O aluno com TDAH tem total capacidade de desenvolver seu potencial, pois sua única dificuldade é a concentração, portanto, os professores precisam ter muita paciência, disposição e conhecimento sobre este transtorno. Nos intervalos das aulas, estes alunos costumam se envolver em brigas ou brincar sozinha, por isso é preciso um repertório variado de intervenções para atuar no ambiente escolar bem como melhorar as habilidades dos mesmos.

Visto isso, acredita-se que a escola e sua equipe pedagógica, são fundamentais no processo de inclusão destes alunos e este estudo sobre o TDAH e sua influência no ambiente escolar pode contribuir com as práticas pedagógicas a serem aplicadas para facilitar a convivência deste aluno bem como sua aprendizagem e inclusão.

Com este artigo espera-se entender como acontece à inclusão de um aluno com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade na rede regular de ensino, conhecer as características do aluno com TDAH e reconhecer a hiperatividade, a desatenção e a impulsividade como sintomas de um transtorno e o quanto isto pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem.

## 2. MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com leitura de autores através dos livros, artigos, internet, monografias, para responder aos objetivos propostos na interpretação das leituras, para a compreensão da proposta escolhida. Segundo Cerro et. al. (2007), a pesquisa bibliográfica é realizada quando se busca um domínio

sobre determinado conteúdo, além de ser um procedimento básico para a realização de monografias.

### **3. REVISÃO DE LITERATURA**

#### **3.1. Processo histórico de inclusão das pessoas com TDAH**

Segundo Vagula e Vedoato (2014) três etapas marcaram a Educação Especial: marginalização (não acreditavam na capacidade das pessoas com deficiência), assistencialismo (não acreditavam na capacidade das pessoas com deficiência, mas a Igreja determinava a proteção), educação/reabilitação (acreditavam na capacidade das pessoas com deficiência e as ações que resultam dessa atitude são voltadas para a organização de serviços de educação).

Para Sanches e Teodoro (2006), até chegarmos à educação inclusiva, passamos por um período de integração, na qual o deficiente era integrado ao ensino regular para que tivesse uma vida “normal”. Esta preocupação começou em 1959, na Dinamarca, onde o conceito de normalização foi acrescentado na legislação do país. Com isso, esta integração se espalhou pela Europa e América do Norte e possui quatro níveis: físico, funcional, social e comunitário.

Frias e Menezes (2008) afirmam que uma sociedade inclusiva deve ser composta por uma linguagem que todos consigam se expressar e também serem compreendidos. Por isso, é preciso conhecer os termos técnicos corretos para que evitar o preconceito de algumas palavras.

O termo necessidades educacionais especiais (NEE) substitui palavras com efeitos negativos como: integrado segregado, deficiente, especial, entre outras, e se refere às dificuldades de aprendizagem e não a deficiência. Dessa forma, a inclusão deve promover uma educação de qualidade para todos os envolvidos, considerando as diferenças culturais, de aprendizagens, físicas e psicológicas de cada indivíduo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) determinou que os alunos com NEE tenham direito as vagas na rede regular de ensino. As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001) reforçam este direito quando determinam que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos com NEE e se adaptar para atendê-lo.

Segundo Santos e Vasconcelos (2010), em 1902, a primeira definição do TDAH foi exibida pelos pediatras ingleses George Still e Alfred Tredgold, na qual denominaram essa incapacidade como sendo uma falha na conduta moral seguido de inquietação e dificuldades perante normas e limites. Em 1930, esse transtorno passou a ser intitulado de Lesão Cerebral Mínima e os sintomas eram parecidos com os causados por infecção ou dano cerebral. Contudo, no final dessa década passaram a ser entendidas como disfunção em vias nervosas e não mais como lesão cerebral.

#### **3.2. Características do aluno com TDAH**

Nos últimos anos surgiu um extenso número de crianças diagnosticadas com o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e isso tem provocado nervosismo e ansiedade tanto nos pais, quanto nos professores, educadores e profissionais da saúde, visto a imensidão de incertezas provocadas diante do pouco conhecimento sobre essa questão.

Segundo Mattos (2017) o TDAH começa na infância, entre cinco e sete anos de idade, mas pode durar até a vida adulta do indivíduo. Ele se caracteriza por três alterações: hiperatividade, impulsividade e desatenção. O primeiro altera a atividade motora e por isso o indivíduo tem dificuldades para permanecer em um lugar ou fica mexendo pés e mãos enquanto está sentado. Gonçalves (2010) acrescenta que a criança quer fazer tudo ao mesmo tempo, possui tendência aos vícios, interrompe a fala das pessoas, é impaciente, tem mudanças de humor repentinas, tem dificuldades para se expressar e é bastante sensível.

O segundo se caracteriza pela falta de controle nos impulsos e por isso a criança não consegue se concentrar, caracterizando a terceira alteração. Santos e Vasconcelos (2010) acrescentam que a desatenção se evidencia através de mudanças regulares de assunto, desinteresse no discurso de outra pessoa, dispersão no decorrer de conversas, distração no momento de executar regras ou não cumprimento dessas em procedimentos lúdicos, oscilação frequente de atividades e resistência em atividades mais profundas que requeira organização.

Todos os esses sinais, entretanto, devem ser analisados através de critérios funcionais, contextuais e temporais, sendo esse último um marcador que não é exclusivo, ou seja, os sintomas carecem ser acompanhados de danos relevantes para o desenvolvimento da criança, se mostrar em pelo menos dois e ocorrer antes dos sete anos.

Segundo Lopes (2011) o TDAH afeta cada indivíduo de maneira diferente e por isso, o diagnóstico precoce, feito por um profissional (psiquiatra, neurologista ou psicólogo), e um bom tratamento podem diminuir os conflitos de comportamento e também psicológicos.

Além disso, a avaliação diagnóstica deve envolver a família, as pessoas que convivem com a criança e também a escola, pois os alunos que possuem este transtorno podem ter dificuldades de se relacionar bem como ter baixo rendimento escolar.

Quando o professor percebe a dificuldade do aluno em se concentrar e aprender, a avaliação do TDAH é conduzida por cinco estágios: relatórios dos professores para verificar a gravidade e a frequência dos sintomas; ao observar características significativas vários métodos podem ser aplicados para fundamentar o desenvolvimento da criança em várias disciplinas; a interpretação dos dados é feita pelo profissional fazendo a classificação e diagnóstico; é desenvolvido um plano de tratamento específico para a criança; a criança é observada continuamente para avaliar o sucesso ou necessidade de intervenção do tratamento.

Os autores Goldstein e Goldstein (1996) relatam que são empregadas três tipos de interposição para crianças hiperativas: Uso de medicamentos, e técnicas não

médicas utilizadas por pais e professores, uma referindo à maneira de administrar com eficiência o local familiar e escolar que a criança está inserida para minimizar com eficácia as questões ligadas a hiperatividade, como por exemplo, inserir hábitos rotineiros matutinos e noturnos. A outra técnica refere-se a procedimentos que desenvolvam habilidades que facilite a criança hiperativa a prestar atenção de maneira mais terna e que permitam controlar as emoções.

O estimulador mais sugerido pelos profissionais da saúde para o tratamento da TDAH é a Ritalina, e é também o mais potente. Entretanto, conforme os autores citados, esse medicamento pode causar efeitos colaterais, como, por exemplo, o bloqueio do crescimento, irritabilidade e até mesmo efeitos mais sérios como convulsões. Esses sintomas só desaparecem após a interrupção do medicamento.

Existem numerosos argumentos e considerações investigando como e porque o indivíduo desenvolve o TDAH. Santos e Vasconcelos (2010) acrescentam que as prováveis causas estão ligadas à conotação genética e à disfunção orgânica, uma vez que abrange múltiplas áreas do cérebro. Todavia a circunstâncias psicológicas é um aspecto decisório e a grande parte de crianças e adolescentes diagnosticados com TDAH exprimiram os dois fatores agrupados, ou seja, fatores orgânicos e psicológicos.

Os profissionais da saúde creem também que existam mais de um caso do Transtorno em uma mesma família, e que esses sintomas possam ser hereditários, pois conforme Belli (2008) podem ter traços de hereditariedade causados por desequilíbrios químicos entre a dopamina e a noradrenalina, que estão deficitárias, não é um transtorno restrito a uma determinada região, raça ou cultura, ou seja, há uma discordância neuroquímica cerebral ocasionada pela discreta produção de neurotransmissores, isto é, dopamina e noradrenalina, em algumas regiões do cérebro encarregadas da posição de atenção, concentração e administração das emoções.

De acordo com Jones (2004), há indicadores de que o cenário em que nossas crianças estão inseridas nos dias de hoje pode colaborar para o aparecimento do TDAH, pois atualmente não existem mais hábitos rotineiros e nem disciplina para uma criança seguir. Elas dormem a hora que querem, navegam na internet e assistem televisão por longos períodos, sem nenhum controle ou monitoramento. Além do mais, fazem parte de famílias desestruturadas, obscuras, sem harmonia, onde a criança não percebe nenhuma atenção e ajuda que possa contribuir para o seu desenvolvimento, como, por exemplo, brincadeiras construtivas.

Diante do exposto, notamos que há várias prováveis causas que provocam o TDAH, entre elas a hereditariedade, problemas hormonais, contratemplos na gravidez e no parto; distúrbios familiares, alimentação, o ambiente em que a criança vive e os estímulos que ela sofre.

### **3.3. Práticas de inclusão de pessoas com TDAH**

Segundo Gonçalves (2010), de 3% a 6% dos alunos possuem TDAH, mas a maioria não é diagnosticada. Dessa forma, as crianças são vistas como indisciplinadas por causa da hiperatividade. Mattos (2017) acrescenta que para um aluno ser diagnosticado com TDAH, ele precisa passar por um profissional que avalia os relatos da família e também um questionário baseado no Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM V (2014) e no CID-10 (1993). Para o aluno ser diagnosticado com TDAH é preciso que ele possua de seis a nove sintomas de desatenção, e de seis a nove sintomas de hiperatividade e impulsividade.

A escola deve oferecer, a essas crianças portadoras da TDAH, um ambiente onde elas possam se desenvolver em conjunto com as outras crianças, mas para que isso aconteça é necessário entender minuciosamente o que é TDAH, quais as suas origens e os meios para diagnosticá-lo, uma vez que se precisa adequar às metodologias de ensino para que o aluno possa se desenvolver.

Frias e Menezes (2008) acrescentam que atualmente, os professores não estão preparados para atender a todos os alunos e suas características individuais bem como a escola também não tem estrutura física para ofertar um ensino de qualidade a todos os estudantes. Portanto, além de ter o apoio da legislação, é preciso uma mudança planejada e contínua nos contextos socioeconômicos da educação.

Lopes (2011) afirma que as crianças com este transtorno possuem dificuldades para manter a atenção em tarefas pouco motivadoras e por isso, a tarefa para casa costuma ser complicada para os pais, principalmente aqueles que não estão preparados para lidar com a falta de atenção e colaboração da criança.

Segundo Gonçalves (2010) é preciso que os pais e a escola trabalhem unidos para ajudar a criança com TDAH enfrentar suas dificuldades. Portanto, a criança não deve ser corrigida em um momento de raiva, pois é por meio do afeto que ela irá se desenvolver. É preciso respeitar as limitações dos alunos com o TDAH, ajudando-o nas atividades em sala de aula e também nas tarefas escolares.

Mattos (2017), por meio da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA) nos traz algumas recomendações para melhorar a qualidade de vida e o aproveitamento escolar do aluno com TDAH: os professores precisam conhecer o transtorno e se atualizar frequentemente sobre o caso; alternar métodos de ensino; ter paciência e manter a disciplina na sala, ainda que seja difícil para o estudante com este transtorno, seguir regras; tentar fazer o diagnóstico o quanto antes; valorizar os pequenos avanços; definir regras e rotinas.

Para Arruda e Almeida (2014), a inclusão do aluno com TDAH na sala de aula é possível se ele sentar próximo ao professor e de alunos que possam ajudá-lo, longe de portas, janelas e de alunos inquietos. O professor deve se esforçar para fazer atendimento individual a este aluno, tirando suas dúvidas, sempre que possível. Sobre a carteira deste aluno devem estar apenas os materiais necessários para as atividades da aula.

Além disso, o professor deve ficar atento se o aluno compreendeu as explicações, fornecer instruções curtas e diretas, solicitar atividades em grupos de até três alunos, manter os pais informados sobre a situação do aluno em sala de aula

bem como atualizar o aluno sobre o seu comportamento e avanços, sem discriminá-lo perante os colegas.

Para ajudar este aluno, temos ainda o Psicopedagogo que estuda os processos de aprendizagens das crianças, adolescentes e adultos, identificando as dificuldades e transtornos que atrapalham seu desenvolvimento escolar e propondo intervenções em casos de fracasso ou evasão escolar.

Gonçalves (2010) acrescenta que o psicopedagogo é importante para o desenvolvimento dos alunos com TDAH, pois tem contato direto com a família e a escola, conseguindo sugerir instrumentos para auxiliar pais e professores na estimulação do educando para que este socialize e se desenvolva. Contudo, o professor deve se manter atualizado para conseguir realizar um trabalho correto e beneficiar seu aluno. Já os pais, devem incentivar a criança a realizar suas tarefas e ajudá-las.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível perceber que apesar de todas as pessoas terem direito a uma educação de qualidade, ainda não se sabe como promover uma escola inclusiva de modo a beneficiar a todos. A educação é à base do desenvolvimento dos alunos, inclusive aqueles que possuem necessidades educacionais especiais.

Não basta colocar o aluno com necessidade educacional especial na rede regular de ensino, é preciso analisar as suas diferenças e adaptar o método para que estes consigam aprender independente de sua dificuldade, ou seja, não adianta estar garantida na lei é preciso remodelar os espaços (recursos de apoio financeiro) e respeitar a capacidade dos alunos.

Além disso, precisamos considerar uma escola heterogênea, na qual devemos aceitar e valorizar as diferenças, promovendo o respeito entre a comunidade escolar. Para isso, os professores precisam estar preparados e abertos à mudanças para que possam desenvolver um bom trabalho.

Atualmente, o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma das maiores dificuldades nas salas de aula e apesar deste ser um distúrbio neurobiológico, o aluno precisa ser avaliado pelo menos seis meses para então iniciar o tratamento. Qualquer criança, independente do seu nível econômico, social, intelectual, pode desenvolver o TDAH, porém este é mais presente em meninos.

Percebe-se que o TDAH é complexo e é preciso um trabalho entre família e escola para que esta criança consiga se desenvolver por completo. O aluno com TDAH tem total capacidade de desenvolver seu potencial, pois sua única dificuldade é a concentração, portanto, os professores precisam ter muita paciência, disposição e conhecimento sobre este transtorno. Nos intervalos das aulas, estes alunos costumam se envolver em brigas ou brincar sozinhos, por isso é preciso um repertório variado de intervenções para atuar no ambiente escolar bem como melhorar as habilidades dos mesmos.

É preciso repensar o papel da escola para que esta consiga se tornar inclusiva, mas isso deve ocorrer de maneira gradativa, interativa e contínua para que ocorra a participação de toda a comunidade escolar. Não basta ter recursos físicos se não houver uma mudança na mentalidade das pessoas. Além de professores e alunos, os pais também precisam se envolver neste processo de inclusão.

Nem todas as crianças conseguem acompanhar o mesmo currículo das outras e por isso tem direito ao Apoio Especializado, como as APAES, por exemplo. Visto isso, acredita-se que a escola e sua equipe pedagógica, são fundamentais no processo de inclusão destes alunos e este estudo sobre o TDAH e sua influência no ambiente escolar pode contribuir com as práticas pedagógicas a serem aplicadas para facilitar a convivência deste aluno bem como sua aprendizagem e inclusão.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM V**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARRUDA, Marco Antônio; ALMEIDA, Mauro de; (2014). **Cartilha da Inclusão Escolar**: Inclusão baseada em evidências científicas. Disponível em <<http://www.andislexia.org.br/cartilha.pdf>> Acesso 01 out. 2018.
- BELLI, A. A. **TDAH! E agora?**: A dificuldade da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade/ Alexandra Amadio Belli. –São Paulo: Editora STS, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Secretaria de Educação Especial - MEC, SEESP, 2001.
- BRASIL. **Lei Nº 9394/96**. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394.htm)> Acesso em 02 out. 2018.
- CERVO, Amado L. et al. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- FRIAS, Elzabel Maria Alberton; MENEZES, Maria Christine Berdusco. (2008). **Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais**: contribuições ao professor do Ensino Regular. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf>> Acesso em 02 out. 2018.
- GOLDSTEIN, S.; GOLDSTEIN, M.: tradução Maria Celeste Marcondes. **Hiperatividade**: Como Desenvolver a Capacidade de Atenção da Criança. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1996.
- GONÇALVES, Samara Cunha. (2010). **O TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) no contexto escolar**: uma visão psicopedagógica. Disponível em <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/n203935.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n203935.pdf)> Acesso em 03 out. 2018.
- JONES, M. **Hiperatividade como ajudar seu filho**. São Paulo: Plexus Editora, 2004. 124 p.

- LOPES, Maria da Luz Curado. **Inclusão, ensino e aprendizagem do aluno com TDAH.** 2011. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2187/1/2011\\_MariadaLuzCuradoLopes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2187/1/2011_MariadaLuzCuradoLopes.pdf)> Acesso em 08 out. 2018.
- MATTOS, Paulo. (2017). **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: TDAH – ABDA: Associação Brasileira do Déficit de Atenção.** Disponível em <<http://tdah.org.br/cartilhas-da-abda/>> Acesso em 03 out. 2018.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas.** Porto Alegre: Artmed, 1993.
- SANCHES, Isabel; TEODORO, António. (2006). **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos.** Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/349/34918628005/>> Acesso em 01 out. 2018.
- SANTOS, Leticia de Faria; VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em Crianças: Uma Revisão Interdisciplinar.** 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n4/15.pdf>> Acesso em 05 out. 2018.
- VAGULA Edilaine; VEDOATO, Sandra Cristina Malzinoti; **Educação inclusiva e língua brasileira de sinais.** Londrina: UNOPAR, 2014. 208 p.